



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em
história 3

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-905-9

DOI 10.22533/at.ed.059211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disso, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disso, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O PIBID COMO MEIO DE FORMAÇÃO E INSERÇÃO DE TEMAS LIGADOS A DIVERSIDADE CULTURAL	
Pedro Luiz Teixeira de Sena Tallita Erthal de Oliveira Thiago Gonçalves Carminte	
DOI 10.22533/at.ed.0592119031	
CAPÍTULO 2	10
UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS E A CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE HISTÓRIA	
Carolina Bitencourt Becker	
DOI 10.22533/at.ed.0592119032	
CAPÍTULO 3	23
OS DESAFIOS DO PEDAGOGO DIANTE DE ALGUMAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA, NOS ANOS INICIAIS, DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Elisangela Leite Gavenda Maralice Maschio	
DOI 10.22533/at.ed.0592119033	
CAPÍTULO 4	39
OS DESAFIOS QUE A BNCC DO ENSINO MÉDIO TRAZ PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: OUVINDO PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL	
Tuca Henrique Verçosa Carneiro de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.0592119034	
CAPÍTULO 5	51
PRÁTICA DOCENTE E ENSINO: O USO DO ESPAÇO DE MEMÓRIA DO <i>CAMPUS</i> DIANÓPOLIS PARA ENSINAR HISTÓRIA	
Michelle Melo Póvoa Debora Ribeiro Pereira Jorge Luís de Medeiros Bezerra, Antonio Guanacuy Almeida Moura	
DOI 10.22533/at.ed.0592119035	
CAPÍTULO 6	56
OS LIVROS DE HISTÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II: REPRESENTAÇÃO E HOMOGENEIZAÇÃO DOS NEGROS (1914-1925)	
Cristina Ferreira de Assis Rhadson Rezende Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.0592119036	
CAPÍTULO 7	68
SONHAR WAKANDA: REFLEXÕES SOBRE A ÁFRICA EM SALA DE AULA	
Marcia Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.0592119037	

CAPÍTULO 8	76
A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL NAS PÁGINAS DA REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO: RETRATO DE NARRATIVAS EM DISPUTA	
Silene Ferreira Claro	
DOI 10.22533/at.ed.0592119038	
CAPÍTULO 9	89
RELATOS DE VIAGEM: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS NA HISTÓRIA DA ÁFRICA OCIDENTAL PRÉ-COLONIAL	
Lucas Aleixo Pires dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.0592119039	
CAPÍTULO 10	96
HISTÓRIA DO BRASIL = DESIGUALDADES SOCIAIS ESTRUTURAL POR COR OU RAÇA	
Valdeir de Oliveira Prestes	
Heitor Flores Lizarelli	
DOI 10.22533/at.ed.05921190310	
CAPÍTULO 11	107
COLEÇÕES DO ARQUIVO PÚBLICO DE ITABIRITO: RELEVÂNCIA PARA A PESQUISA	
Marcelle Rodrigues Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05921190311	
CAPÍTULO 12	127
A UTILIZAÇÃO DO PERIÓDICO COMO FONTE HISTÓRICA	
Dayane Cristina Guarnieri	
DOI 10.22533/at.ed.05921190312	
CAPÍTULO 13	135
IMPRENSA COMO FONTE E AGENTE HISTÓRICO: USOS D'A <i>MATUTINA MEYAPONTENSE</i> PARA UMA HISTORIOGRAFIA DA DECADÊNCIA	
Matheus de Araujo Martins Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.05921190313	
CAPÍTULO 14	149
O FIM DO SEGREDO: TUDO O QUE DEPENDER DO SIGILO PARA EXISTIR IRÁ ACABAR	
Cesar Palmieri Martins Barbosa	
Ricardo Kubrusly	
Miriam Abduche Kaiuca	
DOI 10.22533/at.ed.05921190314	
CAPÍTULO 15	157
A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE COMPUTACIONAL PARA A LITERATURA GENERATIVA: REFLEXÕES SOBRE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA <i>CIBERLITERATURA</i>	
Thalita Biazuz Veronese	
DOI 10.22533/at.ed.05921190315	

CAPÍTULO 16.....	163
A VARIEDADE EPISTEMOLÓGICA NA PESQUISA DO CIENTISTA VITAL BRASIL: UMA ARTICULAÇÃO COM AS CINCO TESES DE CESAR LORENZANO PARA A HISTÓRIA DA CIÊNCIA	
Waldemar Menezes Canalli	
Rildo Pereira da Silva	
Tereza Luzia de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.05921190316	
CAPÍTULO 17.....	170
DUAS HISTÓRIAS INDISCIPLINADAS PARA REPRESENTAR DIFERENTES ABORDAGENS DA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA: O CABO MIDI E A EDIÇÃO NÃO LINEAR DE VÍDEO	
Marcia de Oliveira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.05921190317	
CAPÍTULO 18.....	181
COZINHAS DE ESCRAVOS: COMIDA, SABORES E TRABALHO NO BRASIL	
Lorena da Conceição Querino Muchinski	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.05921190318	
CAPÍTULO 19.....	191
O IMIGRANTE ARABE E SUA COZINHA COMO INSTRUMENTO DE AFIRMAÇÃO E IDENTIDADE NA ATUALIDADE	
Alfredo Ricardo Abdalla	
DOI 10.22533/at.ed.05921190319	
CAPÍTULO 20.....	201
ALIMENTAÇÃO E HOSPITALIDADE NO RIO GRANDE DO SUL OITOCENTISTA A PARTIR DE NARRATIVAS DE VIAGENS	
Everton Luiz Simon	
DOI 10.22533/at.ed.05921190320	
CAPÍTULO 21.....	222
O CAFÉ RUY E O RECIFE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
Eliza Brito Santos	
DOI 10.22533/at.ed.05921190321	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	235
ÍNDICE REMISSIVO.....	236

CAPÍTULO 13

IMPRENSA COMO FONTE E AGENTE HISTÓRICO: USOS D'A MATUTINA MEYAPONTENSE PARA UMA HISTORIOGRAFIA DA DECADÊNCIA

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 28/11/2020

Matheus de Araujo Martins Rosa

Graduando em História (Bacharelado - Diurno)
- Universidade de Brasília (UnB)
Brasília - DF
<http://lattes.cnpq.br/0931998987321694>

RESUMO: O presente trabalho visa tecer considerações e exemplos concernentes ao uso do periódico goiano *A Matutina Meyapontense* para tratar da *decadência*, um problema historiográfico intensamente discutido nos estudos sobre história de Goiás. O referido impresso foi editado no então arraial de Meia Ponte (atual Pirenópolis) entre os anos de 1830 e 1834. De propriedade de Joaquim Alves de Oliveira, rico comerciante e proprietário de terras e editado pelo clérigo Luiz Gonzaga Camargo Fleury, a *Matutina* foi o primeiro periódico de Goiás e do Centro-Oeste.¹ A *decadência* foi escolhida como eixo norteador do presente estudo porque esta era uma questão discutida em Goiás desde o início do século XIX,² fazendo parte dos debates na própria *Matutina* e em outras fontes coevas - portanto, estudar e observar como a *Matutina* pode ser utilizada enquanto fonte para se discutir o problema da *decadência*

pode trazer luz a questões teórico-metodológicas mais amplas sobre os usos dos impressos para se fazer história da (e com a) imprensa.

PALAVRAS-CHAVE: Goiás; imprensa; historiografia; *decadência*

ABSTRACT: The present study aims to make some observations regarding the many uses of the newspaper *Matutina Meyapontense* in order to analyze the notion of *decline*, a hotly debated concept of the historiography of Goiás. This newspaper was printed at the then called *Arraial de Meia Ponte* (currently known as Pirenópolis) between 1830 and 1834. Having Joaquim Alves de Oliveira as its proprietor and edited by the clergyman Luiz Gonzaga Camargo Fleury, the *Matutina* was the first journal of Goiás (and of the entire Brazilian Middle-West as well). *Decline* was the term chosen as the guideline of this work because it was highly discussed in Goiás since the early 1800's, and these discussions are often present in the pages of the *Matutina* and in other sources from the XIX century. Therefore, this newspaper can be studied as an important source, which can bring relevant questions in the fields of theory and methodology of history.

KEYWORDS: Goiás; press; historiography; *decline*

1 A propósito, a *Matutina* também foi o primeiro jornal matogrossense, uma vez que dentro dele foi editado a "Miscellanea Cuyabarense", um jornal voltado às notícias de interesse da província de Mato-Grosso e que circulou junto à *Matutina* entre os anos de 1833 e 1834.

2 Tão forte é a questão da *decadência* na historiografia que Luis Palacín (1982, p. 200) chega a afirmar que teria se tornado parte da identidade goiana, um estado permanente de tristeza e apatia.

1 | INTRODUÇÃO: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTORIOGRAFIA DA IMPRENSA GOIANA

O primeiro registro conhecido sobre história da imprensa em Goiás é o do jornalista José Lobo, publicado postumamente em 1949 sob o título *Contribuição à história da imprensa goiana*. Tal como outros trabalhos posteriores,³ o estudo de José Lobo parte de algumas pré-concepções semelhantes às de estudos sobre a história da imprensa em outras regiões do Brasil, como o clássico *História da imprensa no Brasil* (1966), de Nelson Werneck Sodré. A primeira pré-concepção é a de uma imprensa “teleológica”, isto é, seguindo uma linha evolutiva finalística, cujo objetivo seria “a lealdade à causa da democracia” e a “defesa dos interesses do povo” (LOBO, 2017, p. 19). Nesse viés, a *Matutina* insere-se como “embrião” da imprensa goiana - e portanto, sendo a *origem explicativa*, é o único jornal que ganha na obra algumas páginas de descrição e explicação, sendo o restante do livro uma sequência cronológica de fundações de jornais nas diversas cidades goianas.

Nesse caso, podemos traçar um paralelo com a maneira como a historiografia da imprensa brasileira tradicionalmente tratou o *Correio Braziliense*, o primeiro periódico brasileiro, lançado por Hipólito José da Costa em 1808. Como mostra Isabel Lustosa (2000, p. 99) no caso dos embates entre o jornal pioneiro e José da Silva Lisboa (vulgo Cairu), a historiografia “tomou um lado” pró-Hipólito devido à força das pré-concepções acerca do papel da imprensa, fazendo com que o primeiro, mais combativo (e portanto, segundo essa historiografia, um “verdadeiro jornalista”) se consagrasse no panorama historiográfico, enquanto o segundo não obteve a mesma fama, não foi objeto dos mesmos textos laudatórios como os que foram destinados a Hipólito da Costa. Relação semelhante foi traçada por Laura Nery (2011) no tocante à imprensa ilustrada, com a consagração de Angelo Agostini (“o combativo abolicionista”) e o ostracismo de Henrique Fleiuss (“o chapa-branca”).

A outra pré-concepção diz respeito ao jornal como um documento autoexplicativo, fácil de ler, o qual não demandaria esforços interpretativos. Assim, o aspecto “ultraliberal” é ressaltado sem que se questione o significado desse conceito no início do século XIX, ocasião na qual o Brasil ainda trazia consigo muitas das características típicas do Antigo Regime, como a escravidão, as formas de mandonismo local, o estado teocrático e um “poder moderador” que guardava semelhanças com certos atributos do poder real.⁴

Um terceiro elemento refere-se à caracterização do jornal como algo ideologicamente coeso, formando um “corpo único”. Destarte, as ideias de seu fundador ou redator-chefe

3 À guisa de exemplo, podem ser mencionadas duas obras: a de Braz Wilson Pompeo de Pina Filho, intitulada *História da imprensa* e publicado em 1971; e a de José Mendonça Teles, chamada *A imprensa matutina*. Ao primeiro livro infelizmente não tive acesso devido a contratempos pessoais, já que o único exemplar que localizei encontra-se na Biblioteca Central da UFG e não pude viajar à capital goiana para lê-lo. Quanto ao segundo, por uma feliz coincidência o encontrei anos atrás numa seção de doação de livros em algum ponto dos pavilhões da UnB.

4 Palacín (1986) nos mostra que o período pretensamente “liberal” ainda guardava marcas de uma mentalidade anterior, do período colonial, na qual as ações do governo - ou melhor, os favores do rei - seriam os fatores determinantes para o avanço ou a estagnação das províncias. Tal concepção também será expressa nas páginas da *Matutina*.

seriam as mesmas ideias do próprio jornal, fazendo uma leitura pouco minuciosa das particularidades de suas seções - correspondências, anúncios, edição, colunas.

Por fim, a última ideia importante que aparece nesses estudos é a da imprensa como *reflexo*, e não como *parte integrante* dos acontecimentos. Assim, segundo Lobo (op. cit., p. 11), a imprensa é o “fiel registro da história”, e como tal, a *Matutina* seria uma espécie de lente privilegiada para se analisar a sociedade goiana. Conforme será exposto mais adiante, os usos da imprensa como fonte - e aqui, ressalte-se de novo, não apenas para se fazer história da imprensa, mas também *com* ela -, como qualquer outra, implicam na sua análise crítica, procurando compreender os interesses e subjetividades dos agentes históricos envolvidos e, através disso, entender melhor o processo histórico em questão. Assim, diferentemente do que propunham Sodré (1966) e Habermas (2014), não se trata de analisar a imprensa sob um viés finalístico, seja ele o de ser combativo e fornecer meios intelectuais para o fomento de uma revolução (como defendia aquele), seja o de ser o espaço de fomento de uma “opinião pública” qualificada (segundo este). Em outras palavras, conforme Pettegree (2014), fazem-se necessárias mais pesquisas de história da (e com a) imprensa sob um olhar de indeterminação histórica, analisando-a através de seus diversos significados, finalidades e contextos ao longo do tempo e sem definições apriorísticas; tais pesquisas, em grande medida, ainda estão por ser escritas.⁵

O conjunto de ideias acima exposto também está presente em outros trabalhos sobre história da imprensa em Goiás, como o de José Mendonça Teles, *A imprensa matutina*. De fato, ele segue uma estrutura muito semelhante à da obra de Lobo, fazendo uma breve análise da *Matutina* seguida por uma detalhada cronologia de fundação e funcionamento dos jornais goianos - com uma característica a mais: Teles periodiza a história da imprensa goiana, dividindo-a em cinco períodos. Sem entrar em detalhes sobre essa periodização, até porque fugiria do escopo deste trabalho, vale ressaltar que ela exprime, de maneira mais pormenorizada, a concepção teleológica expressa na obra de José Lobo, com os períodos claramente delimitados em termos de “caráter”, de maneira próxima à de trabalhos feitos por Sodré (op. cit., 1966) e Martins (2008).

Nas últimas décadas, a *Matutina* vem sendo usada com frequência cada vez maior em artigos, teses e dissertações, de maneira que pode-se dizer que há uma historiografia desse periódico em construção. Mencioná-la e trabalhá-la pormenorizadamente demandaria um esforço de pesquisa digno de uma dissertação, o que extrapola os limites deste trabalho.

Entretanto, chamam atenção os recentes trabalhos de Wilson Assis (2007),⁶ Rosana Borges

5 Ana Maria de Almeida Camargo (1971, apud LUCA, 2005, p. 117) foi uma das precursoras na crítica à pouca utilização dos periódicos como fonte: “A pouca utilização da imprensa periódica nos trabalhos de História do Brasil parece confirmar nossas suposições. Alguns, talvez, limitem seu uso por escrúpulo, já que encontram, tão em evidência e abundância, as ‘confirmações’ de suas hipóteses - e com a mesma facilidade, os argumentos contrários. A maioria, porém, pelo desconhecimento, pela ausência de repertórios exaustivos, pela dispersão das coleções. Quando o fazem, tendem a endossar totalmente o que encontram, aproximando-se de seu objeto de conhecimento sem antes filtrá-lo através de crítica mais rigorosa.”

6 ASSIS, Wilson Rocha. Os moderados e as representações de Goiás n’A *Matutina* Meiapontense (1830-1834). Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás. Goiânia,

e Angelita de Lima (2008),⁷ Thalles Murilo Costa (2013),⁸ Alessandra Curado (2018)⁹ e Maria de Fátima Oliveira et al. (2013).¹⁰

No presente trabalho, por conta da temática, dar-se-á especial enfoque ao trabalho de Wilson Assis, intitulado *Os moderados e as representações de Goiás n'A Matutina Meyapontense*, no qual o estigma da decadência é abordado como referencial identitário e alvo discursivo da elite goiana, a qual, segundo o autor, teria abraçado um “projeto modernizante” por meio da adesão ao projeto de construção nacional então em curso.

2 I SOBRE A MATUTINA MEYAPONTENSE

Antes, contudo, de adentrarmos especificamente na problemática da decadência, é necessário tecer uma breve introdução do periódico estudado. Como mencionado acima, a Matutina Meyapontense circulou entre os anos de 1830 e 1834, em plena época de efervescência política no Brasil - crise do Primeiro Reinado, abdicação de D. Pedro I, disputas entre a elite mercantil de “brasileiros adotivos” e a elite patricia assentada nos latifúndios. A província de Goiás, nos anos anteriores à fundação da Matutina, assistiu a intensas tensões políticas, mormente entre o Norte, a qual possuía laços econômicos e sociais mais atrelados às províncias da Bahia, Piauí, Maranhão e Grão-Pará, e o Sul, de forte influência mineira e paulista (BERTRAN, 1978; MCCREERY, 2006). Tais conflitos se traduziram em episódios como a breve secessão da porção setentrional da província entre os anos de 1821 e 1823 e os assassinatos políticos dos ouvidores Jerônimo José e Joaquim Teotônio Segurado (COSTA, 2013, p. 68).

O referido impresso era vendido na capital da província e também em Cuiabá, no arraial de Traíras e em São João D'El Rei, além da própria tipografia em Meia Ponte. Thalles Costa (op. cit., p. 27), analisando o grupo político que compunha a Matutina, postula que a distribuição do jornal para fora da província relacionava-se às ligações políticas das elites de Meia Ponte com outras regiões, e por meio delas as ideias liberais teriam se disseminado. Ademais, o impresso era vendido mediante assinatura de 2\$000 réis por trimestre (baixando para 1\$400 a partir de agosto de 1831), quantia considerada alta frente ao poder aquisitivo da maior parte da população; circulava com regularidade inicial de duas vezes por semana, às terças e sextas-feiras, aumentando em maio de 1830 para três vezes

2007.

7 BORGES, Rosana Maria Ribeiro; LIMA, Angelita Pereira de. História da imprensa goiana: dos velhos tempos da colônia à modernidade mercadológica. Revista UFG: dossiê 200 anos de imprensa no Brasil. Goiânia, ano X, n. 5, dezembro 2008.

8 COSTA, Thalles Murilo Vaz. Opinião pública e linguagem política n'A Matutina Meiapontense (1830-1834). Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2013.

9 CURADO, Alessandra Rodrigues Oliveira. O jornal A Matutina Meiapontense no contexto da abdicação de D. Pedro I: uma análise a partir da esfera pública de Habermas. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2018.

10 OLIVEIRA, Maria de Fátima; SOUZA, Talita Michelle de; COSTA, Thalles Murilo Vaz. A província de Goiás vista por dentro: a imprensa chega ao sertão. Revista PLURAIIS Virtual. Anápolis, v. 3, n. 1, 2013.

por semana, às terças, quintas e sextas-feiras. Desconhece-se sua tiragem e não há dados sobre listas de assinantes do periódico.

Ainda segundo Costa, a *Matutina* surgira com objetivos políticos específicos, servindo como canal de comunicação e propagação em Goiás do chamado “liberalismo moderado”. Muito embora o autor conceitue “liberalismo” de maneira um tanto vaga,¹¹ seu trabalho mostra a importância da investigação apropriada dos interesses e projetos políticos por trás dos periódicos do século XIX, evitando incorrer na recepção do conteúdo dos impressos enquanto *dado* da realidade, mas sim como resultado do olhar do redator sobre ela. E, ao contextualizar esse olhar dentro do panorama ideológico, político, social e cultural da época, o historiador pode colher melhores subsídios para a compreensão da realidade estudada.

3 | SOBRE A DECADÊNCIA COMO CONCEITO HISTORIOGRÁFICO

Feitas essas considerações, cumpre adentrar na questão da decadência como conceito central nos debates historiográficos em Goiás. O historiador Nasr Fayad Chaul em seu *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade* faz um breve retrospecto do uso do termo como elemento explicativo da história goiana. Na referida obra, Chaul coloca-se contrário ao uso da palavra “decadência” para descrever as transformações da economia mineradora do século XVIII para a agropastoril do XIX. Segundo ele, utilizar o termo “decadência” para descrever esse processo é absorver acriticamente um juízo de valor eurocêntrico refratário ao mundo rural, em contraposição à valorização do mundo urbano (CHAUL, 1997, p. 17). Indo ao encontro do citado historiador, Paulo Bertran (*apud* CHAUL, op. cit., p. 70) resume bem essa crítica ao conceito de “decadência”:

11 Thalles Costa assim conceitua liberalismo moderado: “O liberalismo moderado, como o próprio nome já diz, caminhava pelo ‘justo meio’ e pregava ‘o equilíbrio racional entre os excessos passionais extremistas’ (BASILE, 2006, p. 61). Na extrema direita estava o Absolutismo, e na extrema esquerda as democracias. Intencionando evitar os excessos de um e do outro, o liberalismo moderado pregava a moderação política e ganhou corpo e vários adeptos na Europa e América, sendo o *A Matutina* Meiapontense uma interlocutora goiana dos ideais desta vertente política na terceira década do século XIX, mesmo que nem sempre seguisse a risca os mandamentos da moderação.” Costa atribui à “moderação” e ao “meio-termo” o que pode ser explicado de maneira mais acurada como sendo as contradições e os desafios da recepção de ideias políticas europeias num contexto social distinto, ou seja, o liberalismo, surgido em solo europeu como elemento de proteção dos direitos e igualdade formal perante a lei, transplanta-se para o outro lado do Atlântico em sociedades coloniais escravocratas e fortemente hierarquizadas. De fato, como diz Luís Palacín (1986, p. 69) sobre a recepção do liberalismo em Goiás: “É difícil para nós compreender como o orador [referindo-se ao padre Silva e Souza e seu discurso de celebração da independência em Vila Boa] e seus colegas da Sociedade Conciliadora [e Filantrópica, fundada em Vila Boa] podiam, com tão absoluta boa consciência, falar de liberdade recobrada (...) quando uma parte da província era composta de escravos, e os cidadãos de 100.000 réis de renda com direito a voto, uma minoria. Não deixa de causar estranheza a segurança do orador ao referir-se à felicidade presente e futura sem fazer uma única alusão a ‘estas quase aniquiladas povoações’, aos campos em estado de total abandono e percorridos por legiões de vadios, de tal forma que o Conselho se sentia obrigado a legislar contra eles como se se tratasse de criminosos. A utopia liberal de crescimento humano na liberdade, que deveria ser o sonho de todo um povo, em Goiás não passava, na realidade, de ideologia do reduzido estamento dirigente, que substituiria à administração colonial.” Assim, esse referido “estamento dirigente” enxergaria no liberalismo a melhor maneira de preservar seus interesses, nomeadamente a manutenção da escravidão, do latifúndio e dos privilégios sociais.

“Há duas ou três coisas sobre a história de Goiás que é oportuno despoluir para obtermos objetos mais úteis e iluminados, para nosso deleite e sapiência e consumo de futuras gerações. Um deles é o paradigma da *decadência* de Goiás no passado, que ao sentir de alguns escritores iria desde a abrupta queda da mineração em 1780 até um variável fim, segundo uns até 1914 com a entrada da estrada de ferro, segundo outros até 1937 com o Estado Novo e a construção de Goiânia. Haja decadência! No caso extremo nada menos de 157 anos de *decadência*. Deve ser erro de denominação ou erro de conceito.” (destaques no original)

Ainda Bertran, no prefácio do livro de Chaul, nos diz que “é em 1819-1823 que para todo o sempre fixa-se a imagem da decadência de Goiás na historiografia, graças aos viajantes estrangeiros Auguste de Saint-Hilaire, francês, Johann Emmanuel Pohl, boêmio, Raymundo José da Cunha Mattos, português, e o Pe. Luís Antônio da Silva e Souza, o proto-historiador goiano, ordenado na Itália.” (op. cit., p. 13) Na análise de ambos, tal visão foi construída devido a um olhar equivocado da própria atividade mineradora, desconsiderando o aspecto predatório e transitório desse tipo de atividade (op. cit., p. 19). Assim, Goiás somente “sobreviveu” ao período do ouro graças às atividades agropastoris, as quais de fato fixaram o homem no campo e transformaram um movimento passageiro de corrida do ouro numa sociedade constituída. De fato, Bertran (2011, p. 136), argumenta que a pecuária chegou a preceder o ouro, sendo que Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera filho, teria encontrado sinais de passagem de gado quando de sua expedição em 1722.

Dessa forma, segundo Chaul, a imagem que se passou na historiografia supracitada é a de um “passado glorioso, [...] uma sociedade de fausto e esplendor, que não chegou a uma existência comprovada, nem deixou para Goiás uma herança que a justificasse.” (op. cit., p. 17) É graças à “civilização do gado”, e não a do ouro, que Goiás teria se constituído enquanto sociedade, ainda que à margem do que se passava nos centros mais dinâmicos da colônia.

Chaul, portanto, critica os historiadores que, sem fazer análise crítica da fonte ou olhar de maneira mais acurada para os indícios do legado aurífero setecentista, absorvem um conjunto de ideias positivas em relação ao suposto “fausto e esplendor” da mineração em contraposição à “decadência” da sociedade no Oitocentos.

4 | DOS USOS D’A MATUTINA MEYAPONTENSE PARA O DEBATE SOBRE O CONCEITO DE DECADÊNCIA

Dos autores mais recentes da chamada “historiografia da Matutina”, Wilson Rocha Assis em seu *Os moderados e as representações de Goiás n’A Matutina Meyapontense* aborda os possíveis usos do periódico para enriquecer a discussão sobre a adequação do uso do conceito de “decadência” para descrever o processo histórico supracitado.

Chama atenção no estudo de Assis a mudança em relação a alguns dos pressupostos assumidos por Lobo. Exemplo disso no seguinte trecho:

“Para a grande parte dos historiadores, os periódicos e os jornais são antes de tudo, fontes onde se recuperam o fato histórico – uma fonte ou trampolim em direção à realidade – não havendo, entretanto interesse por sua crítica interna. Partimos do pressuposto que esta fonte documental age sempre no campo político-ideológico e, portanto, toda pesquisa realizada a partir dessa análise deve necessariamente traçar as principais características dos órgãos de Imprensa consultados, bem como, do contexto histórico em que o periódico foi veiculado. Destarte, a apresentação de notícias não é uma mera repetição de ocorrências e registros, mas, antes uma causa direta dos acontecimentos, onde as informações não são dadas ao azar e sim, denotam as atitudes próprias de cada veículo de informação, pois, todo jornal organiza os acontecimentos e informações segundo seu próprio filtro.” (ASSIS, 2007, p. 40)

Assis expõe a importância da interpretação desse tipo de fonte, uma vez que o significado dos enunciados expostos estão longe de serem autoevidentes e o contexto histórico e político-ideológico do periódico obrigatoriamente deve ser levado em conta no esforço interpretativo do historiador. Como exemplo dessa hermenêutica, o autor (op. cit., p. 41) levanta a hipótese que ao menos parte das correspondências supostamente endereçadas à Matutina teriam sido forjadas pelo editor para dar ensejo às proposições por ele desejadas, ideia também levantada por Costa (op. cit. p. 36).

O trabalho de análise da Matutina feito por Assis mostra o quanto essa fonte pode ser proveitosa nos debates sobre a decadência em Goiás. De um lado, a antiga historiografia abraça acriticamente os relatos e lamentos acerca do péssimo estado das estradas, da falta de hospitais e escolas e do estado de miséria em que se encontravam os camponeses, por exemplo, como provas inequívocas do estado decadente em que se encontrava a terra anhanguerina. De outro, a nova linha interpretativa encabeçada por Chaul e Bertran postula que os atestados da suposta “decadência” da província seriam fruto de uma visão eurocêntrica, construída a partir da decepção dos viajantes estrangeiros os quais traziam consigo um conjunto de concepções de progresso inaplicáveis à realidade goiana. Chaul (op. cit., 74) defende que, para os goianos, a situação em que se encontrava a província no princípio do século XIX era satisfatória:

“Assim, dissociado da ordem legal lusitana, o mundo do povo da Capitania, da gente da Província, se fazia à parte, longe do litoral europeu e brasileiro, distante do progresso ansiado pelos cronistas, alheio ao desenvolvimento que as potencialidades de Goiás podiam imprimir, crítico diante da ajuda real, enfim, decadente aos olhos alheios, satisfatório diante da realidade dos que aqui viviam.” (grifos meus).

Por outro lado, através da análise de diversas edições da Matutina, Assis demonstra que os próprios goianos - ou ao menos a elite letrada que tinha condições de se corresponder com o periódico - percebiam sua situação como *decadente*, e por razões em grande medida diferentes daquelas defendidas pelos viajantes estrangeiros.¹²

¹² Assis (op. cit., p. 52) se manifesta da seguinte forma: “O que dizer, então, quando se constata que as imagens da decadência estavam presentes não somente no olhar dos viajantes, dos estrangeiros, dos presidentes da província, dos

O autor (op. cit., p. 49) expõe que, para os goianos da primeira metade do século XIX que se correspondiam com o jornal, a decadência era um fato e a culpa era do descaso das autoridades, através do arbítrio, do desrespeito à lei e à constituição e do abuso de autoridade. Sobre isso, duas considerações: 1) essas visões de decadência postuladas pelos goianos correspondentes da *Matutina*, não obstante eles as justificarem por razões diferentes das dos viajantes estrangeiros, pressupõem uma certa visão de “progresso” bastante próxima à destes, ao menos no tocante ao progresso material. Dessa forma, boas estradas, agricultura produtiva, comércio próspero, boa educação para a elite, boas condições de higiene pública e prédios públicos bem cuidados - independente do significado preciso desses termos em Goiás no início do século XIX - seriam os sinais evidentes do tal “progresso” ambicionado pela elite correspondente do jornal. Portanto, nesse caso, decadência era um signo utilizado no periódico para se criticar a elite política dirigente, à qual se opunha o grupo de Joaquim Alves de Oliveira, Camargo Fleury, Silva e Souza e José Rodrigues Jardim, entre outros. 2) Tendo isso em vista, não podemos acreditar acriticamente nos relatos patricios sobre o estado de decadência da província, uma vez que o modo como a *Matutina* representa o panorama econômico goiano se transforma quando da ascensão do grupo “liberal moderado” ao poder provincial à ocasião da escolha de José Rodrigues Jardim para o posto de presidente em 1832 (COSTA, op. cit., p. 11).

Isso posto, convém expor alguns excertos da *Matutina* para ilustrar o que até agora foi colocado. A começar, a própria palavra *decadência* aparece expressa no jornal:

“Goyaz, Srs., dotado providamente pela Natureza, tem em seo meio todos os elementos de grandeza. As suas faculdades não tem sido desenvolvidas, e porisso o seo estado de *decadência* he conhecido. A situação actual de Goyaz abre campo a mui brilhantes trabalhos d’este Conselho, promovendo Instituições directoras de sua prosperidade.” (A MATUTINA MEYAPONTENSE, 08/07/1830, n. 30; destaque meu)

Dentro das acusações de descaso veiculadas na *Matutina*, uma bastante emblemática era em relação à discriminação do poder central em relação a Goiás:

“Porque os Negociantes de Goyaz, e por conseqüência os Povos, pagão Direitos de entrada nas Alfândegas da Província, por fazendas de, que já se pagarão esse Direito das Províncias, marítimas? Porque outras Províncias do interior do Império gozão actualmente do Decreto de 16 de Abril de 1821 [...], em benefício dos Lavradores, e Fazendeiros; e a Província e Goyaz não goza de tal beneficio?” (A MATUTINA MEYAPONTENSE, 02/04/1830, n. 9)

Assis (op. cit., p. 44) mostra que, longe das acusações de caráter moral feitas pelos viajantes europeus, os quais atribuíam a decadência de Goiás à preguiça, à indolência e ao desleixo nos costumes dos moradores, as críticas à decadência feitas pelos goianos

europeus? Deve-se problematizar a tese segundo a qual a decadência decorre tão somente dos olhares estrangeiros sobre a região, imaginando bucolicamente um modo de viver e sentir dos goianos que não concebia a decadência como um problema.” Dessa forma, havia uma percepção “nativa” - não podemos saber se pertencente exclusivamente à elite ou se de certa forma era uma visão compartilhada entre a população em geral - de que Goiás encontrava-se decadente.

baseavam-se em medidas específicas, atreladas à ideia da autoridade real como indutora do progresso, dentro da lógica que Luís Palacín (1986, pp. 29-43) denomina de “ideologia da administração colonial”.

Ainda nessa seara, o número 97 (11/11/1830) da Matutina expõe a correspondência de um tal “Cuiabano Philantropo”, o qual se queixa de uma série de questões, dentre elas as seguintes, atinentes ao estado da agricultura e do comércio em Goiás:

“o Lavrador se acha desanimado, e o pezado Dizimo devora toda a substancia do Agricultor, cumpre ao Conselho Geral lançar seos patrioticos cuidados sobre a classe dos cidadãos, que tanto importa animar. Sobre o commercio ainda nascente nesta Provincia que não pode prosperar pelos obstaculos, que se lhe oppoem, como seirão pagar-se de Entrada nesta Provincia 1\$125 por cada arroba de fazenda seca, e 750 por cada Carga de Molhados. [...] e se considerando os trabalhos, e perigos a que se expõem os Negociantes, se virá logo no conhecimento de quão justos são os clamores desta Classe de cidadãos, e quanto urge que o Conselho Geral tome estas minhas toscas, mas bem verdadeiras refflexões em sua patriótica consideração.”

Sobre o mau estado das estradas, vale a transcrição da seguinte correspondência, endereçada por um tal “Amigo da Lei” na edição nº 116 (25/12/1830):

“vindo do norte para esta Cidade, e passando por Trahiras, e Pilar, encontrei estradas quase intransitaveis, não se achão pontes, as Arvores cahidas pelos ventos trancão os caminhos, e finalmente achão-se como nunca estiverão no tempo do Despotismo e porque as Illustr. Camaras Municipaes não encarão hum objecto de tão transcendente utilidade para o Commercio, e tão necessario a todos?”

Em resposta à correspondência acima, um cidadão anônimo autoapelidado de “mudo” explana sobre o estado das estradas em Pilar:

“Quanto ao mau estado das Estradas, construcção de Pontes, atoleiros e escavaçoens que se notaõ neste Julgado, diremos que esse defeito não está em nossas mãos evita-o, porque a falta de povoadores, a pobreza dos actuaes habitantes, e a imensidade de terreno devoluto são obstaculos, a que hum Juiz de Paz não pode superar [...] se bem que assim mesmo se achão em muito melhor estado, que as da proximidade da Capital da Provincia, onde faz medo, e em muitos lugares nem o mais pequeno concerto se faz [...] e o Sr. Amigo da Lei, que lá foi, maior Patriotismo mostraria se de envolta com os de Pilar despertasse o zello das Autoridades de Goyaz, em um dos objectos, que menos attençaõ tem merecido.” (A MATUTINA MEYAPONTENSE, n. 178, 19/05/1831)

O trecho acima é um exemplo dos desafios de se fazer história com a imprensa: correspondências contrárias, a primeira descrevendo as estradas do Norte da província como “quase intransitáveis”, a segunda defendendo que, apesar de ruins, elas estavam em melhor condição do que as da Cidade de Goiás, capital provincial. Tal desafio coloca o historiador diante de duas agendas de pesquisa (entre outras possíveis): 1) investigar

o real estado das estradas goianas na década de 1830 para saber “quem tem razão”; 2) pensar essas correspondências como subsídios para a compreensão das relações tensas entre Norte e Sul da província (as quais ainda experimentavam os desdobramentos da tentativa de secessão da parte setentrional) - e, neste caso, investigar o real estado das estradas goianas na década de 1830 ganha outros contornos em face do binômio “estrada boa/estrada ruim” dentro da lógica da decadência como signo político.

Ainda no que tange às discussões sobre a culpa pela pretensa situação de decadência da região, vale tecer algumas observações. Como já exposto, um argumento recorrente tanto nos excertos da Matutina quanto em relatórios provinciais, corografias históricas, entre outros - e que serviu de base para a historiografia tradicional “atestar” a “decadência” goiana -, é de que a culpa pela pobreza de Goiás, entre outros motivos, seria do péssimo estado das estradas e da inexistência de navegação nos rios.¹³ A propósito, o historiador David McCreery em seu livro *Frontier Goiás* (2006, p. 17) traz uma reflexão interessante:

“Goiás was not, as administrators repeatedly complained, poor because of inadequate communications. Rather, *the province suffered from primitive communications because was poor*, because there were no reason and no resources available to invest and to improve these. At the risk of reification, capitalism had scant need of Goiás: *there was little there*, whether labor, raw materials, or markets, that could not be obtained on equal or better terms elsewhere.” (destaques meus)

Ainda sobre a questão das estradas, Chaul (op. cit., p. 73) complementa: “Seriam as estradas da época do ouro tão distintas das da sua fase pecuarista? Claro que continuaram tão carentes de recursos como antes. Com o ouro, não havia estrada difícil nem isolamento tão grande. Sem o ouro, as mesmas estradas tornaram-se intrafegáveis. Tanto que apenas o gado conseguia transitá-las.” Com uma boa dose de ironia, ele mostra que o conceito de estrada boa/ruim é relativo.

Em todo caso, ambos os autores mostram que a ideia de decadência expressa pelos goianos na Matutina abre uma série de questões: se o que se postula está correto, não podemos afirmar que as estradas goianas do século XIX eram necessariamente piores do que as do século XVIII - nem as do Norte piores que as do Sul; ao revés, a transponibilidade delas dependeria mais da vontade ou interesse dos agentes históricos do que das condições concretas de tráfego. Isso posto, como (e por que) a dicotomia “estrada boa vs. ruim” tornou-se um elemento de disputa política e “troca de farpas” entre correspondentes da Matutina? Se McCreery e Funes têm razão ao afirmar que a abertura/reforma de estradas e rotas de

¹³ A esse respeito, Eurípedes Funes (1986) argumenta que as várias tentativas frustradas de estabelecer navegação nos rios Araguaia e Tocantins não teriam como dar certo devido à inviabilidade econômica de um comércio entre Goiás e Pará, duas províncias pobres. Ainda que se possa argumentar que uma navegação via Araguaia contribuiria para o barateamento do frete dos produtos comercializados com a Europa via porto de Belém, o fato é que a inviabilidade de tal empreendimento se dava pela pouca demanda da economia goiana no período: uma “economia de abundância”, nos termos de Bertran (1988, p. 43), que pouco produzia mas pouco requeria do exterior, o que inviabilizava empreendimentos comerciais mais audaciosos ou sofisticados.

navegação seria procedimento pouco útil à economia goiana dado o problema da falta de ativos econômicos de interesse nas trocas comerciais, como surgiu a ideia de que o conserto das estradas seria a solução dos problemas enfrentados na região? Ainda: se a decadência era um termo utilizado entre os goianos correspondentes da Matutina para descrever sua situação, até que ponto isso denota um imaginário coletivo mais amplo, capilarizado entre as camadas populares, imaginando Goiás como uma província decadente em relação ao “fausto e esplendor” de épocas passadas? Para se responder a essas e outras questões, a análise crítica das fontes - inclusive da Matutina - faz-se necessária: somente a crítica interna do documento, contrastando-o com dados objetivos sobre o período histórico em questão, pode nos lançar luz tanto sobre as visões que os coevos tinham da realidade que os cercava quanto sobre elementos da realidade extrínsecos às percepções destes.

Outro ponto digno de atenção, opondo-se às pré-concepções encontradas na historiografia goiana sobre a imprensa, é compreender como os periódicos não podem ser simplificados e tratados como algo único. Um pequeno exemplo disso está nas diferentes impressões expressas na Matutina acerca do arraial de Meia Ponte. Conforme colocado por Assis, na edição de número 129 da Matutina, de 25 de janeiro de 1831, critica-se a falta de manutenção dos equipamentos públicos:

“Faz vergonha, e he um monumento do desleixo o mais reprehensivel, o arruinado estado em que se acha a Cadeia deste Arrayal. [...] Existem neste Arrayal dous Chafarizes, hum no Largo de tras da Matriz, outro na Rua das Bestas. No primeiro, ainda que muito arruinado, corre agoa por hum Cano, no segundo não corre absolutamente agoa. [...] se o povo de Meyaponte fosse mais instruido em seos direitos, se elle soubesse se prevalecer das vantagens do Systema Constitucional [...] não seria tão menosprezado, e não contemplaria impunes os Funcionários tão indignos de servirem um povo livre.”

No excerto acima, atribui-se o mau estado dos chafarizes não somente ao descaso das autoridades, mas principalmente à ignorância da população, fazendo do arraial terreno fértil para a impunidade das criticadas autoridades. Outro excerto desabonador consta no número 333, datado de 16/05/1832: trata-se de um “puxão de orelha” na mocidade meiapontense, a qual, segundo o redator, estaria fazendo pouco caso da educação que lhe era ofertada:

“Nada nos parece tão censuravel em Meyaponte como o desleixo, que se observa na educação da mocidade, ha muito de nos aflige o abandono em que são creados os filhos ainda mesmo de Pais de gozaõ d’alguma representação no lugar e que se conseideraõ abastados em bens [...] passados porém dous annos, depois que por hum espirito de puro patriotismo, e sem o menor interesse, se abriãõ Aulas das Lingoas Latina, e Franceza, e de Philosophia Racional, e Moral; se franqueou uma Bibliotheca, onde se encontraõ os livros percisos para se estudarem as supraditas materias [...] e não se contaõ mais que quatorze alumnos por todos concebemos tristissimas idéas sobre a mor parte dos nossos jovens.”

Em outros trechos, entretanto, aparece o tom laudatório em relação à sociedade meiapontense e seus costumes, como na ocasião da inauguração da biblioteca pública do arraial (edição de nº 19, de 07/05/1830):

“Meiaponte, Senhores, he hum arraial favorecido pela Natureza, seo clima salutifero, a fertilidade de suas Matas, a boa educação da Mocidade, o talento natural, e certa vivacidade que se deixa ver em seos habitantes lhe promettem huma vantagem sobre toda a Provincia, aproveitemos estas qualidades Naturaes, e utilizemo-nos dos meios, que se-nos appresentaõ para o nosso melhoramento.”

Pode-se ainda elencar o seguinte trecho da edição nº 285, de 21/01/1832, relativo ao contraste “tranquilidade/anarquia” contrapondo Meia Ponte ao norte da província quando das agitações subsequentes à abdicação de D. Pedro I:¹⁴

“Quanto he aprasivel a tranquilidade que gozaõ os Meyapontenses na quadra actual! Quando em alguns pontos da Comarca do Norte os povos tem sido victimas de assassinos, e roubos, quando a mesma Capital da Provincia tem apresentado hum orisonte carregado [...] Meyaponte tem sido considerado, por assim diser, como o porto de salvamento, onde tem achado abrigo os que procuraõ fugir as tempestades politicas. Amigos da Patris os Meyapontenses consideraõ, como seo primeiro dever, faser todos os exforços para se obter a uniaõ, e respeito as Leis e as Authoridades [...]”

O esforço interpretativo de tão diversas opiniões sobre o mesmo arraial não é pequeno e traz imensos desafios à compreensão da realidade de Pirenópolis no segundo quartel do século XIX. Podemos levantar a hipótese de que as matérias em tom elogioso serviriam, em última instância, como “propaganda” do grupo político que controlava o jornal e que há várias décadas via-se profundamente imerso na política meiapontense - o que dificulta saber até que ponto Meia Ponte se diferenciava dos demais arraiais e da Capital.

Ademais, as matérias críticas à falta de educação dos habitantes do arraial lançam ainda mais dúvidas e desafios ao historiador na investigação desse período. Costa, por exemplo, propõe a periodização do jornal: através dele, poder-se-ia perceber uma primeira fase, na qual lança-se mão da crítica à administração provincial, e uma segunda, mais “oficiosa”, marcada pela ascensão do referido grupo “liberal moderado” à administração provincial - e portanto, deixando de ser “pedra” para virar “vidraça”, não conviria traçar um panorama tão calamitoso de Meia Ponte, a “vitrine política” do grupo. A análise faz sentido, principalmente se admitirmos a hipótese de que a culpa pela “decadência” de Goiás, antes atribuída sobretudo às autoridades provinciais, passa a ser jogada com maior peso no governo central e em suas medidas discriminatórias em relação à província. Isso, porém, precisa ser referendado com maiores estudos; de todo modo, serve para se pensar com mais cuidado nos desdobramentos e desafios impostos por qualquer agenda de pesquisa histórica.

14 Para uma análise mais pormenorizada do contexto político da fundação da Matutina Meyapontense, ver Thalles Costa (op. cit., pp. 14-23).

5 I CONCLUSÕES E REFLEXÕES FINAIS

Neste trabalho, procurou-se mostrar alguns dos possíveis usos e desafios metodológicos trazidos por uma fonte impressa na interlocução com um tema caro à historiografia goiana como o da decadência. Através da análise dos excertos da Matutina, novas e interessantes questões podem ser postas às duas correntes historiográficas pró e contra o uso desse conceito.

Afinal, se não podemos confiar cegamente nos relatórios de presidentes de província e na historiografia tradicional quando falam em “decadência”, tampouco podemos tratar a Matutina como “fiel registro da história”, como postulava Lobo. O que o esforço interpretativo de Assis sobre a Matutina nos mostra é que, longe do cenário quase idílico traçado por Chaul, ao menos certos estratos da população mostravam descontentamento com o estado da província. Ao mesmo tempo, não podemos conceber essas visões nativas como *atestados inequívocos* da situação na região, sob pena de incorreremos no mesmo erro metodológico que a historiografia tradicional cometeu em relação ao tema da decadência - e que a historiografia da imprensa em boa parte ainda comete no que tange à concepção de imprensa como *lente* da realidade.

Não foi o intuito deste texto estabelecer uma agenda de pesquisa para a Matutina: a esse respeito, Maria de Fátima Oliveira et al. dedicaram o artigo intitulado *A província de Goiás vista por dentro: a imprensa chega ao sertão*. Embora haja críticas a serem feitas a ele, nomeadamente quanto a certos trechos que deixam transparecer a velha ideia de imprensa como *reflexo*, não como *parte* dos acontecimentos,¹⁵ pormenorizá-las tornaria este texto repetitivo e talvez fugiria ao seu propósito.

Assim, a proposta deste trabalho consistiu em investigar os desafios práticos e possibilidades teórico-metodológicas trazidas pelo uso da imprensa como fonte para diversos trabalhos - entre os quais, para o debate da decadência enquanto conceito historiográfico em Goiás.

REFERÊNCIAS

A MATUTINA MEYAPONTENSE (CD-ROM). Governo de Goiás – Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira. Goiânia: 2000.

ASSIS, Wilson Rocha. **Os moderados e as representações de Goiás n’A Matutina Meiapontense (1830-1834)**. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2007.

BERTRAN, Paulo. *Formação econômica de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978.

15 Fato esse que causa espécie, já que o artigo data de 2013, mostrando que até os dias de hoje parte da historiografia insiste em cair nas mesmas pré-concepções adotadas por clássicos supracitados como os de Nelson Werneck Sodré e José Lobo.

_____. **História da Terra e do Homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal: do indígena ao colonizador.** Brasília: UnB, 2011.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade.** Goiânia: UFG/UCG, 1997.

COSTA, Thalles Murilo Vaz. **Opinião pública e linguagem política n'A Matutina Meiapontense (1830-1834).** Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2013.

FUNES, Eurípedes. **Goiás 1800-1850: um período de transição da mineração à agropecuária.** Goiânia: UFG, 1986.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública.** São Paulo: Unesp, 2014.

LOBO, José. **Contribuição à história da imprensa goiana.** Goiânia: Ed. Naves Ltda, 2017. E-book disponível em: <https://pt.calameo.com/read/00439406539bd4ecee8f0> - Acesso em 28/11/2020 às 19:26.

LUCA, Tania Regina de. "Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos". In.: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823).** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARTINS, Ana Luiza, "Imprensa em tempos de império". In.: _____; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

MCCREERY, David. **Frontier Goiás (1822-1889).** Stanford: Stanford University Press, 2006.

NERY, Laura. **Revistas ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado.** Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

OLIVEIRA, Maria de Fátima; SOUZA, Talita Michelle de; COSTA, Thalles Murilo Vaz. A província de Goiás vista por dentro: a imprensa chega ao sertão. **Revista PLURAIS Virtual.** Anápolis, v. 3, n. 1, 2013.

PALACÍN, Luís. **Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas.** Goiânia: Oriente, 1982.

_____. **Quatro tempos de ideologia em Goiás.** Goiânia: Cerne, 1986.

PETTEGREE, Andrew. **The invention of news: how the world came to know about itself.** New Haven and London: Yale University Press, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TELES, José Mendonça. **A imprensa matutina.** Goiânia: Cerne, 1989.

ÍNDICE REMISSIVO

A

África 5, 8, 3, 4, 8, 9, 56, 59, 60, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 182, 186, 187, 188, 189, 193, 194, 195, 204, 227

Alimentação 9, 5, 98, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 202, 204, 210, 211, 216, 217, 218, 219, 221, 225, 230

Aprendizagem 7, 10, 11, 14, 16, 17, 21, 22

Árabes 193, 194, 195, 196, 197, 199

Avaliação 12, 13, 14, 16, 18, 19, 21, 22, 48, 117, 165, 173, 177

B

BNCC 5, 7, 27, 30, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

C

Cibercultura 9, 158, 159

Comida 9, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 199, 201, 211, 212, 215, 216, 217, 225, 235

Cozinha 9, 184, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 216, 225

Criatividade 9, 19, 35, 158, 159, 160, 161, 162, 179

D

Desigualdades Sociais 8, 2, 96, 98, 99, 105

Disputa 5, 8, 43, 49, 57, 58, 76, 83, 85, 86, 117, 145

Diversidade Cultural 7, 1, 26

E

Ensino de História 5, 7, 1, 2, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 26, 27, 30, 34, 38, 39, 43, 55, 58, 61, 62, 66, 67, 68, 70, 75, 114, 236

Epistemologia 9, 14, 164, 165, 168, 171, 180

Escravidão 7, 8, 59, 63, 65, 66, 67, 79, 80, 100, 104, 106, 137, 140, 182, 183, 191

F

Fontes 5, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 52, 57, 58, 79, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 107, 110, 111, 115, 116, 122, 123, 130, 132, 134, 135, 136, 142, 146, 149, 150, 165, 215

H

História 2, 5, 6, 7, 8, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 80, 82,

85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 120, 122, 123, 125, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 148, 149, 151, 157, 158, 163, 164, 165, 166, 169, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 180, 182, 184, 190, 192, 193, 199, 200, 201, 202, 204, 207, 208, 209, 210, 219, 220, 223, 224, 234, 235, 236

História da ciência 5, 9, 164, 165

Homogeneização 7, 56

Hospitalidade 9, 200, 202, 220, 222

I

Identidade 9, 3, 5, 6, 7, 8, 25, 27, 28, 38, 48, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 76, 77, 80, 81, 86, 87, 128, 131, 133, 136, 177, 192, 198, 199, 201, 225, 234

Imprensa 5, 8, 55, 58, 109, 111, 115, 116, 119, 124, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 144, 146, 148, 149, 150

L

Literatura Generativa 9, 158, 162

M

Memória 5, 6, 7, 24, 26, 51, 52, 53, 54, 55, 64, 86, 107, 110, 112, 115, 122, 123, 124, 126, 133, 171, 172, 187, 196, 197, 198, 200, 229, 234, 236

Metodologia 13, 15, 24, 52, 54, 89, 94, 96, 99, 106, 170, 199, 202, 204, 236

N

Narrativas 5, 8, 9, 20, 27, 58, 59, 60, 65, 66, 76, 77, 83, 86, 92, 93, 126, 128, 201, 202, 204, 211, 212, 216, 217

P

PIBID 5, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9

Q

Questões étnico-raciais 5, 78, 82

R

Raça 5, 8, 8, 60, 64, 66, 74, 79, 80, 81, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106

Recife 76, 84, 85, 186, 223, 227, 229, 230, 232, 233, 234, 235

Relatos 9, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 128, 142, 143, 165, 202, 204, 205, 210, 222, 223

RELATOS 8, 89, 92

Representação 7, 27, 54, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 69, 80, 91, 94, 96, 134, 180, 215, 217, 225

S

Sabores 9, 182, 193, 194, 196, 197, 199, 200, 201, 215

Século XIX 9, 87, 223

Sigilo 8, 150, 153, 156

T

Técnicas 9, 37, 45, 61, 79, 99, 160, 161, 171, 176, 177, 179, 180, 195, 196, 197

Tecnologia 5, 9, 51, 70, 153, 156, 158, 159, 167, 171, 172, 173, 174, 176, 177

Trabalho 9, 3, 5, 8, 11, 13, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 28, 29, 30, 32, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 52, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 74, 76, 77, 78, 83, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 109, 111, 116, 125, 126, 132, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 148, 154, 164, 165, 167, 168, 171, 172, 174, 176, 177, 180, 182, 183, 184, 187, 189, 190, 191, 193, 195, 199, 207, 224

W

Wakanda 8, 68, 69, 75

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3